



OLHARES FEMININOS NA CRÍTICA PÓS-MODERNA: A QUESTÃO DO GÊNERO; O LUGAR DA DIFERENÇA; UMA NOVA LEITURA DA IDENTIDADE E DO SUJEITO

Renata Pimentel

RESUMO

Observando os escritos de algumas destacadas pensadoras feministas, este ensaio busca assinalar a sintonia do trabalho feminista com as preocupações de filósofos pós-estruturalistas e dos chamados grupos de estudos culturais e pôr em destaque a importante contribuição dessas mulheres às discussões e problemáticas relevantes na chamada pós-modernidade, sobretudo as noções de identidade e sujeito.

Palavras-Chave: pós-modernidade; teoria literária; questões de gênero e de identidade; estudos culturais; crítica feminista.

1- INTRODUÇÃO:

“... e rir de categorias sérias é indispensável para o feminismo. Sem dúvida, o feminismo continua a exigir formas próprias de seriedade.” (BUTLER, 2013: 08)

Que razões teriam permitido o surgimento e a imposição do pensamento feminista como uma novidade no campo das ciências sociais, da teoria e crítica da arte e até da psicanálise? É esta a pergunta, á nem tão recente, mas ainda necessária, que norteia este trabalho. Inicia-se a abordagem focando um momento de crises de identidade nacional, sujeito fragmentado, e até instabilidade e desprestígio das grandes narrativas unificadoras da modernidade (ocidental): situando-se, de forma ampla, estão sendo pensados os estudos feministas e pós-estruturalistas dos anos 1960 e que

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



2-CRÍTICA FEMINISTA: A VOZ DO “OUTRO”:

A “luta” da crítica e da teoria literárias como disciplinas sempre foi no sentido de adquirir o “status” de científicas. Para tanto, o impressionismo ou a experiência dos sujeitos sempre foram condenados e se buscava aboli-los a qualquer custo dos escritos dos especialistas nessas áreas. Outro ponto fundamental, em relação aos ramos do saber humano, sejam eles as ditas ciências naturais, ou as sociais, é que foram território de domínio e primazia quase exclusiva dos homens, tanto por razões históricas, quanto econômicas ou até mesmo sexuais (de gênero). Por hora, basta-nos levantar um dado de conhecimento geral, que não requer muita polêmica: a entrada das mulheres nesse campo de ideias é fato recente, pode-se até datá-la por volta dos anos que correspondem à década de 60, do século XX. Reforça esta afirmação o fato de se conhecerem escritos femininos, jornais editados por mulheres (tanto no contexto europeu, quanto no Brasil e América latina, por exemplo) já na primeira metade do século XIX, mas trata-se de uma produção de marcada ação de resistência e luta, que ficou “abafada” e “obscurecida” (ainda é pouco conhecida e divulgada, inclusive).

A subversão da ordem dita “falocêntrica” pela intromissão da voz feminina coincide com o direcionamento que tomam os estudos pós-estruturalistas e com muitas das preocupações da psicanálise lacaniana, que faz uma revisão das ideias de Freud. Um movimento totalmente oposto ao da tradição dos estudos literários é o que marca a preocupação da crítica feminista: a reafirmação da autoridade da experiência e a conquista de um espaço de expressão para as silenciadas. Para alguns, então, a crítica feminista pode ser vista como um “ato de resistência”, por confrontar-se diretamente com os cânones e julgamentos existentes.

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente pareceu necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada. (2013: 18)

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



alguma forma revisionista”(1994: 27), porém não basta essa postura. Ela é fundamental como um ponto de partida e como uma estratégia para identificar e desmascarar verdades estabelecidas, todavia, se permanecer no revisionismo, também permanecerá atada à crítica tradicional masculina e retardará a identificação e resolução de problemas específicos feministas. Por isso, deve “encontrar seu próprio assunto, seu próprio sistema, sua própria teoria, sua própria voz” (1994: 29).

Após o revisionismo, a segunda forma dessa prática crítica consiste numa investigação da literatura feita por mulheres: a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres, denominada “ginocrítica”. A questão essencial aqui é a diferença: identificar o que há de específico nos escritos das mulheres, que permita considerá-las como um grupo literário distinto. Ou por outro ângulo, perceber o aporte de relativizações possíveis quando são ouvidos outros discursos e outras versões da(s) história(s) - como permitiu a luta pelo direito à voz (e ao voto) das mulheres (depois, na esteira aberta, também de tantos outros grupos “silenciados”) – que descortinam a estereotipia imposta pelo “discurso de uma história única” (segundo-se o raciocínio da escritora nigeriana Chimamanda Adichie³).

Seguindo o percurso dos estudos feministas, destaca-se, então, o conceito da “écriture féminine”, que seria o conjunto de traços que identificam a inscrição do corpo e da singularidade femininos na língua e no texto, uma formulação teórica especialmente cara para as críticas francesas (como Hélène Cixous ou Luce Irigaray). Esse conceito caracteriza o projeto teórico da crítica feminista como sendo a análise da diferença e é comum nas preocupações dos vários grupos feministas, com ênfases diferentes em cada país: as inglesas, de tradição marxista, focalizam a opressão; as francesas, cuja base é a psicanálise, salientam a repressão e as americanas, preocupadas com o aspecto textual, enfatizam a expressão.

Showalter enumera quatro modelos de diferença utilizados pelas teóricas para apontarem as especificidades da escritora e de seu texto:

³ Conferir: http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br (acessado em 08/09/2014).



- 1- Crítica biológica ou orgânica: o processo de criação literária é comparado à gestação e ao parto, e o corpo é a fonte para a imaginação. As ideias relativas ao corpo revelam como as mulheres concebem sua situação na sociedade e o estudo da imagem biológica na escrita feminina denota que outros fatores além da anatomia estão envolvidos em seu processo criativo e em sua visão de mundo.
- 2- Crítica linguística: a tarefa do grupo é avaliar o acesso das mulheres à língua, concentrando-se no campo lexical disponível a elas e nos determinantes ideológicos e culturais da expressão feminina.
- 3- Crítica psicanalítica: busca situar a diferença da escrita feminina na psique do autor e na relação do gênero com o processo criativo. É dado relevo, portanto, ao desenvolvimento e à construção de identidades de gênero.
- 4- Crítica cultural: tentativa de delinear o “locus” cultural preciso da identidade literária feminina e descrever as forças que dividem um campo cultural individual das mulheres-escritoras. A ficção feminina é vista como um discurso de duas vozes, que contém uma história “dominante” (os reflexos imperiosos da cultura patriarcal) e uma “silenciada”.

Tal divisão é importante para que se compreendam quais os caminhos que tomaram as abordagens feministas e que questões elas levantam como seus interesses primordiais. Afinal, segundo Ria Lemaire (no artigo “Repensando a história literária”, que ecoa na já referida posição de Chimamanda Adichie), é necessário desfazer a ilusão de uma única tradição, o mito criado pela história androcêntrica e pela tradição literária. Em suas palavras:

Ambas apresentam suas genealogias como uma tradição única e ininterrupta e desqualificam, isolam ou excluem, como marginais ou inimigos, indivíduos que, por uma razão ou por outra (ideias, raça, sexo, nacionalidade) não se adequam ao sistema construído. (1994: 59)

Ria analisa a história literária europeia como uma transição da oralidade para a escrita, culminando com a imprensa e os meios de comunicação de massa. Fazendo

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Enfim, “o discurso da história literária deve ser estudado prioritariamente como um sistema de relações de gênero, cujos códigos subjacentes dizem respeito às estruturas de poder na sociedade” (1994: 67).

O resultado desse trabalho significa uma “alteração radical no paradigma das ciências humanas” (nas palavras de Ria Lemaire) e a descoberta de que não há um sujeito humano unitário, autônomo, centrado, individual (como a noção do Iluminismo), e sim existências marcadas pela diferença de gênero, entre outros traços de individualização e subjetividade.

Para Teresa de Lauretis (no artigo “A tecnologia do gênero”), o conceito de gênero como diferença sexual serviu, inegavelmente, como base de desenvolvimento ao pensamento feminista, no entanto, agora, representa uma limitação (“confina o pensamento crítico feminista ao arcabouço conceitual de uma oposição universal do sexo”) e precisa ser desconstruído.

A partir de uma analogia com a ideia de Foucault⁵ (a sexualidade vista como uma “tecnologia sexual”), o gênero – como representação e auto-representação - seria visto também como produto de diferentes tecnologias sociais (o cinema, por exemplo) e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, além das práticas da vida cotidiana.

Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social: em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe.
(...) gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição ‘conceitual’ e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos. (1994: 211)

O feminismo que emerge baseado nessa nova concepção de gênero abre espaço para a cumplicidade com a ideologia em geral (racismo, colonialismo, imperialismo, heterossexismo) e para a conscientização de que o grupo das mulheres

dialoga com outros discursos (mesmo marcados por impedimentos e ações de silenciamento), até de forma inconsciente.

⁵ Conferir FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Volume 1.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



brancas e de classe média foi, tão-somente, o primeiro a questionar a relação de vozes à margem com as instituições sociais, as práticas políticas e os aparatos culturais. Depois, emergem os esforços das negras, das latino-americanas, das lésbicas...

Já Gayatri Spivak, como representante de uma geração pós-colonial (membro da casta hindu, em uma Índia independente, e que teve acesso – embora não o mais privilegiado – à cultura do imperialismo), associada ao seu trabalho como feminista-marxista, revela preocupação com a política cultural das historiografias alternativas, resultantes do movimento de “conjunção/disjunção” entre disciplinas como história, antropologia e os estudos culturais. Ela afirma:

(...) nós só descobrimos, ou encobrimos, o socius, e asseguramos a base do poder cultural ou étnico por meio da reivindicação do conhecimento. (...) o poder é uma legitimação coletiva, institucional e política. (1994: 188)

No entanto, adverte que se a ‘refeitura’ da história tiver como base, apenas, essa limitada noção de poder, corre-se o risco de transformar o produto final do trabalho em instrumento da “administração da crise das velhas instituições e da velha política”. Não se pode ignorar o desejo de legitimação do novo discurso, mas é preciso ter consciência de que o poder não é simplesmente uma instituição ou estrutura, mas sim “o nome que se dá a uma complexa situação estratégica numa sociedade específica” que permite a leitura dessa nova escritura.

Introduz, no cenário da discussão, a figura da mulher de classe subalterna (singular e solitária, pois está separada do centro do feminismo e não é emancipada), para mostrar também a pertinência da análise de classes como um imperativo nas pesquisas dos intelectuais pós-coloniais, e revela que a relação dessa figura com a produção acadêmica é complexa: além de ser um objeto do conhecimento, à maneira do informante nativo, ela é sujeito de histórias orais, ou seja, “é um sujeito/objeto imaginado no campo da literatura”.

É preciso, portanto, que os registros dos representantes culturais subalternos (institucionalmente estabelecidos) sejam escrupulosos, afinal, a contribuição deles para

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



natural” da maternidade. Havia preocupação com a educação das mães unicamente para que elas garantissem a transmissão de algumas noções básicas às novas gerações, como o patriotismo, a importância da ética e do trabalho e a crença no progresso. Mas o “poder” a elas conferido não permitia o menor questionamento à hierarquia do homem como governante, pai da nação e chefe da família.

A instrução das mulheres, então, restringia-se à formação moral das mães e à religiosidade, que lhes garantiria o culto a valores como a pureza e a decência. Eis porque, mesmo não tendo o acesso à produção literária impedido, muitas delas não se atreviam a escrever sobre as questões de interesse nacional (sociais, filosóficas, políticas).

...a questão não se limitava ao acesso das mulheres à vida literária. O problema residia em maior extensão na separação das esferas pública e privada e na incorporação da literatura nacional à primeira, restando às mulheres a expressão de sentimentos individuais. (Jean Franco, 1994: 115)

Outra teórica que examinou as relações entre a mulher e a produção literária nacional nesse contexto de “comunidade imaginada” foi Mary Louise Pratt, que constata:

A população feminina das nações não era imaginada e sequer convidada a se imaginar como parte da irmandade horizontal. O que a república burguesa oferecia oficialmente à mulher é (...) o papel de reprodutora de cidadãos. Isto significa que as mulheres nas nações modernas não eram imaginadas como possuidoras de direitos civis (...) porque seu valor foi especialmente atrelado (e implicitamente condicionado) à sua capacidade reprodutora. (in: “Mulher, literatura e irmandade nacional”, 1994: 131)

De acordo com Pratt, a atuação feminista no século XIX pode ser vista, portanto, como uma “reflexão e resistência a essa domesticação”. Apesar das pressões para permanecerem confinadas ao lar, as mulheres insistiram em dar sua colaboração à cultura literária. Mesmo sem a garantia de seus direitos políticos, mantiveram-se ativas, engajaram-se na organização da nação e não pararam de questionar o sistema que lhes negava o direito a uma cidadania completa.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



3- CONSIDERAÇÕES (NUNCA FINAIS):

É fato consensual que a história e os cânones literários foram definidos quase totalmente pelo grupo dominante dos homens, brancos, europeus (colonizadores) e economicamente privilegiados; o discurso dos representantes de todos os outros segmentos da sociedade foi ignorado, ou menosprezado (e ainda depara com os estereótipos e entraves históricos a sua legitimação). E o papel das mulheres (sobretudo organizadas sob as bandeiras do feminismo) foi pioneiro na contestação dessa estrutura.

Há, de fato, acontecimentos que podem ter colaborado para a mudança no perfil e na participação social das mulheres (como a Segunda Guerra Mundial, ou mudanças na economia, desemprego, necessidade de expansão dos mercados consumidores), ou mesmo a crítica dos pensadores pós-modernos aos “centros” de produção; mas o empenho dessas teóricas e críticas introduziu uma voz dissonante no mundo cultural e acadêmico, que se juntou à voz de outras minorias, e criou um cenário propício para a reavaliação de verdades estabelecidas.

Especificamente, destacam-se como contribuições o levantamento da polêmica do gênero, o questionamento às ideias de “representação” e à organização redutora e binária do pensamento ocidental (por exemplo, a desconstrução dos pares: brancas x negras; ricas x pobres; colonizadoras x colonizadas; heterossexuais x homossexuais).

Por exemplo, quando Luce Irigaray formula a noção de que as mulheres são o sexo que não é “uno”, mas múltiplo⁶ (opondo-se até à construção de Beauvoir, da mulher como “segundo sexo”), propicia – na visão de Butler – “um ponto de partida para a crítica das representações ocidentais hegemônicas e da metafísica da substância que estrutura a própria noção de sujeito.” (2013: 29)

⁶ Para Irigaray, o modo falocêntrico de significar o sexo feminino, ao invés de constituir um gesto linguístico que garanta alteridade ou a diferença das mulheres, oferece uma nomenclatura que eclipsa o feminino e usurpa seu lugar (mais uma vez, segundo Butler, 2013: 33).

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Enfim, a lucidez das palavras de Teresa de Lauretis (em seu artigo, já citado, “A tecnologia do gênero”) resume a consciência sobre a importância e a tarefa dos estudos feministas:

... apesar das divergências, das diferenças políticas e pessoais, e da angústia que acompanha os debates feministas dentro e além das linhas raciais, étnicas e sexuais, devemos ser encorajadas pela esperança de que o feminismo continue a desenvolver uma teoria radical e uma prática de transformação sociocultural. (1994: 216)

O “sujeito” como categoria política e jurídica é produzido por vias de práticas de legitimação e exclusão; por fim, vemos o desdobrar constante e crítico da teoria feminista (revendo suas construções, repensando as armadilhas de um terreno tão minado sempre) e, no caminho que propõe Butler, buscando “uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político.” (2013: 23), conscientes de o quanto suas ações abriram caminhos para os estudos culturais, a queer theory, os estudos gays e lésbicos, além de toda a discussão pós-colonial. “Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.” (ainda Butler, 2013: 24). Enfim, que se siga, pois, ainda ecoando a inquietude proposta por Butler, em:

Um esforço de refletir a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e ao poder heterossexista, para criar problemas de gênero não por meio de estratégias que representem um além utópico, mas da mobilização, da confusão subversiva e da proliferação precisamente daquelas categorias constitutivas que buscam manter o gênero em seu lugar, a posar como ilusões fundadoras da identidade. (2013: 60)

4- REFERÊNCIAS:

BRANDÃO, Ruth Silviano. Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



SHOWALTER, Elaine. “A Crítica feminista no território selvagem”, In: Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura, org. Heloísa Buarque de Hollanda, Rio de Janeiro, Rocco, 1984.

SPIVAK, Gayatri. “Quem reivindica alteridade?”, In: Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura, org. Heloísa Buarque de Hollanda, Rio de Janeiro, Rocco, 1984.